


ROMANCE



o Jardineiro das
ESTRELAS



Aydano Roriz

Tudo o que existe, e todos nós, de algum modo somos frutos das estrelas. Não me refiro a um pedaço de estrela, evidentemente. E sim à matéria e à energia que constituem o Universo. Contudo, matéria e energia dão origem a muita coisa, entretanto não geram intelecto ativo, sentimentos, muito menos o livre-arbítrio. Vem daí a minha convicção na existência do que chamo Jardineiro das Estrelas. Afinal de contas, convenhamos, o bom jardineiro não semeia ao léu. Planta, replanta... cuida do jardim.

ROMANCE

o Jardineiro das
ESTRELAS

INSPIRADO NA OBRA DO MESMO AUTOR: OS *DIAMANTES NÃO SÃO ETERNOS*

Aydano Roriz



TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS À

Editora Europa

Rua MMDC, 121
São Paulo, SP



Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial – Livros Mário Fittipaldi
Revisão de Texto Denise Camargo
Capa e Edição de Arte Jeff Silva
Imagem da Capa Jeff Silva. Fotos da Shutterstock

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Daniela Momozaki - CRB 8/7714)

Roriz, Aydano

O jardineiro das Estrelas / Aydano Roriz – São Paulo: Editora Europa, 2017.
ISBN 978-85-7960-474-4

1. Literatura brasileira – ficção I. Roriz, Aydano II. Título

CDD 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : 869.93

Atendimento ao Leitor Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br
Atendimento a Livrarias Paula Hanne Tauil – paula@europanet.com.br
Promoção Aida Lima – aida@europanet.com.br

Este título também está disponível na versão de livro eletrônico.

Sumário

PRIMEIRA PARTE

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Baía de Todos os Santos, 1860..... | 13 |
| Que figura! | 17 |
| Camisa de onze varas..... | 19 |
| Dezoito anos depois | 24 |
| Incesto sob encomenda | 32 |
| Mera figuração | 36 |
| Ah, a família! | 38 |
| Primeiros passos no além..... | 41 |
| A grande viagem | 43 |
| Quase chegando | 47 |
| Paris, finalmente! | 49 |
| Paixão alucinante | 52 |
| <i>Retour en grand</i> | 56 |
| Nada é perfeito | 58 |
| Retornando ao Recôncavo | 64 |
| Maria da Graça..... | 68 |
| Fugindo para a loucura..... | 72 |
| O filho Irineu..... | 78 |
| Uma lição para o doutor..... | 84 |
| Quando o discípulo está pronto..... | 91 |
| O conselho dos escravos | 101 |
| Angústia de fugitivo..... | 109 |
| O engenho fica para trás..... | 114 |
| Retorno à capital | 117 |

SEGUNDA PARTE

| | |
|---------------------------------|-----|
| Na terra dos diamantes..... | 125 |
| A vida é dura | 132 |
| Não podia se queixar..... | 136 |
| Ritual da iniciação..... | 140 |
| As marcas do pecado | 145 |
| Um fidalgo na Bocaina..... | 149 |
| Barba-azul português | 151 |
| Agradável surpresa..... | 157 |
| Água fina..... | 163 |
| <i>Tour</i> em Selenópolis..... | 170 |
| Um passado em revista | 173 |
| Mensageiro da alforria | 177 |
| Vivendo em Selenópolis | 181 |
| Quem diria! | 185 |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Companheiro de quarto | 193 |
| Dia de aflição | 198 |
| Perambulando | 201 |
| Coisas nunca vistas | 203 |
| Segunda visita a Temístocles | 204 |
| Com essa, ele não contava | 210 |
| Amigo é para essas coisas | 215 |
| Surpresa..... | 219 |
| Ideia extravagante | 225 |
| Coração de pai-galinha | 227 |
| Tudo são números | 230 |
| Avalanche..... | 235 |
| Terceira sessão | 238 |
| Moço decidido | 244 |
| Tentar não custa | 247 |
| Xeque-mate | 251 |
| Desafios e prazeres da leitura..... | 254 |
| Boa viagem | 257 |
| Intromissão..... | 262 |
| Casa da Torre de Garcia d'Ávila | 265 |
| Barra dos barões..... | 269 |
| O difícil aprendizado..... | 272 |
| Uma vila progressista..... | 273 |
| Revelações do mestre..... | 276 |
| Encruzilhada | 284 |
| Decepção | 288 |
| Retorno às Lavras | 292 |
| Abrindo o jogo | 295 |
| Preparativos para o casamento..... | 299 |
| Que noite!..... | 302 |
| Casamento nas Lavras..... | 305 |
| Lua de mel..... | 309 |
| Poço Encantado..... | 312 |

TERCEIRA PARTE

| | |
|----------------------------------|-----|
| Velho Oeste da Bahia, 1889 | 317 |
| Bispos encarcerados | 321 |
| Encontro decisivo..... | 331 |
| Nobreza à deriva | 337 |
| Enquanto isso... .. | 344 |
| Já no Brasil..... | 349 |
| Mundo pequeno! | 351 |
| Epílogo..... | 357 |

“Para ser franco, a ciência sabe surpreendentemente pouco sobre mentes e consciência. A ortodoxia atual sustenta que a consciência é criada por reações eletroquímicas no cérebro e que as experiências mentais realizam alguma função essencial de processamento de dados. No entanto, ninguém tem a menor ideia de como um amontoado de reações bioquímicas e correntes elétricas no cérebro criam a experiência subjetiva da dor, da raiva ou do amor. Talvez tenhamos uma explicação sólida dentro de dez ou cinquenta anos. Mas em 2016 não dispomos delas, e é melhor sermos claros quanto a isso.”

Yuval Noah Harari
PhD pela Universidade de Oxford,
em sua obra *Homo Deus – Uma Breve História do Amanhã*





*Vista parcial de Salvador, a partir do mar,
na segunda metade do século 19. Acervo da
Biblioteca do Congresso Americano*

PRIMEIRA PARTE



Baía de Todos os Santos, 1860

O surgimento de um navio da *Royal Mail Steam Packet Company* não costumava despertar mais grande atenção. Já contava bem uns nove anos que, com seus cascos negros e linha d'água vermelha, rodas de pás laterais movidas a vapor, conveses brancos e chaminés amarelas entre os grandes mastros, faziam escala em Salvador. Com bons ventos, aproximavam-se com as velas enfunadas. Em caso de calmaria, recorriam ao vapor como força motriz.

Partiam regularmente de Southampton, próximo a Londres, nos dias 10 de cada mês, pontualmente às 18 horas. A primeira parada era Vigo, na Galícia, Espanha. A segunda em Lisboa, capital do Reino de Portugal. Seguia-se Funchal, na Ilha da Madeira, o extremo sul geográfico da Europa. Iniciavam então a longa travessia do Oceano Atlântico até Recife, Pernambuco. Na sequência aportavam em Salvador, Bahia, e prosseguiam para o destino final: Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil. Sem maiores contratempos, eram sessenta e seis dias de viagem, transportando todo tipo de carga, encomendas, publicações, correspondências pessoais, malas diplomáticas e uns poucos passageiros.

Ciceroneando um jovem poeta sueco de passagem por Salvador num desses paquetes, Doutor Deocleciano Ribeiro levou-o cidade adentro. Além de um sarau em casa – no nobre bairro do Pelourinho – para apresentá-lo à sociedade,

seguido de pantagruélico rega-bofes; no fim da noite, quando os últimos convidados se retiraram, um tantinho embriagado de conhaque e vaidade, teve uma ideia. Já que haviam se conhecido em um bordel de Paris, queria que o visitante escandinavo, louro como uma espiga de milho, não saísse da Bahia sem desfrutar de uma negrinha especial.

– *Elles sont les femmes les plus exotiques du monde. Délicieuses, mon ami!* – afiançou em seu francês à baiana.

À procura de um espécime realmente qualificado para bem representar a raça, acabaram em uma espelunca enfumaçada numa das ladeiras que levavam ao cais. O lugar recendia a vapores de vinho barato e a óleo de baleia queimado nos candeeiros. Em certa medida, lembrava uma Torre de Babel, tal a confusão e diversidade de idiomas. Marinheiros de diferentes nacionalidades misturavam-se a mascates turcos, vendeiros portugueses, carroceiros galegos, negras a ganhar dinheiro para os seus senhores, ciganos e imigrantes de toda parte. Havia de tudo. Até artistas de um circo, dito húngaro, festejando o sucesso e se despedindo da cidade.

– *Fantastique! C'est fantastique, cher ami!* – não cansava de repetir o encantado convidado.

– *Alors* – e prosseguiu em francês, abrindo caminho por entre as mesas. – Isto é a Bahia! Veja, lá está ela.

Doutor Deocleciano acabara de localizar uma moleca de seus catorze anos, recém-entrada *na vida* pelas mãos do ilustre patrono.

– Rosário – berrou espalhafatosamente, abrindo os braços num gesto gaiato. – Até que enfim, princesa de ébano! Vem cá, minha graúna... deixa este sarará de lado. Vem cá...

A negrinha fez sinal de adeusinho com a mão e ameaçou

desgrudar-se do ruivo marinheiro britânico que a bolinava. O bêbado súdito da rainha Vitória deu um safanão na garota e puxou-a pelo braço, obrigando-a a se sentar novamente no seu colo. Rosário insistiu e foi outra vez puxada.

Ferido em sua vaidade, não querendo fazer má figura perante o visitante, Doutor Deocleciano adiantou-se em atitude de franca hostilidade.

– Raios! O que é que esse gringo filho de uma égua está pensando...

O botequim inteiro parou para assistir à contenda. Não era todo dia que se podia ver um sujeito daqueles, trajado como um janota da sociedade, provocando um tripulante da *Royal Mail* numa taberna.

– Larga a menina, seu gringo de merda – vociferou Deocleciano, metendo a mão no ombro do marinheiro.

O marujo empurrou a negrinha para o lado, levantou-se de pronto e quebrou uma garrafa na quina da mesa, armando-se com ela. As pessoas mais próximas se afastaram.

– *What did you say? Grrrin-go di meeer-da...?*

Intimidado, Deocleciano ensaiou uma retirada, mas já era tarde. Em questão de segundos, de olhos esbugalhados e com a boca escancarada num grito mudo, desabou sobre mesas e tamboretas, tentando se livrar dos cacos de vidro enfiados no pescoço. Quando se levantou, o tal inglês já estava de costas, esgueirando-se por entre as mesas a passo apressado.

– Espera aí, seu filho da puta!... – berrava a plenos pulmões, saindo em seu encalço. – Está fugindo, é? Poltrão!

Desvencilhando-se de quem procurava lhe impedir a

passagem, o marinheiro ganhou a porta e desatou a correr ladeira abaixo. Deocleciano estancou na calçada, cobrindo-o de improperios.

– Gringo de merda!... Frouxo!... Sarará!... Filho de porca com jumento!... Pinto-calçudo!... Pirobo!...

Voltou ao bar arrotando vantagem, mas ninguém lhe prestava atenção. A música e o burburinho de instantes atrás haviam silenciado. As pessoas acotovelavam-se em círculo num canto do salão. A única coisa que se ouvia era um choro convulsivo de mulher. Seu Amoedo, dono do lugar, passou correndo por ele com um pano encardido na mão. A roda de pessoas se abriu e o taberneiro entrou, logo seguido por Deocleciano.

Havia um homem estendido no chão e, debruçada sobre ele, Rosário chorava. Afagou a carapinha da rapariga e olhou para a cara do sujeito. Levou um choque tremendo. Um susto tão grande que se sentiu desmaiar.

Que figura!

Doutor Deocleciano Ribeiro era um desses sujeitos que as pessoas conservadoras costumam chamar de libertino, desregrado, estroina, irresponsável e outros qualificativos do mesmo naipe. Formado na *Academia Médico-Cirúrgica da Bahia*, nunca chegou a exercer a profissão. Nem essa, nem outra qualquer. Julgava uma perda de tempo trabalhar. ‘*Não posso furtar aos outros tamanho prazer*’ – gracejava. Poeta bissexto, colunista habitual do *À Bahia Ilustrada*, aguerrido incentivador da fundação de um *Conservatório Dramático* em Salvador, capitaneava aquele punhado de desocupados ricos que, nas cidades de província, avocam a si a promoção das artes.

Mas não pense se tratar de um intelectual. Isso lá Doutor Deocleciano não era. É certo que conseguira fazer publicar três ou quatro livretos; e se dizia apaixonado por Lamartine, na poesia, Balzac, na prosa, e Mozart, nas sonatas; ainda que os seus propósitos intelectuais fossem um tantinho mais pragmáticos. Promovia a vida cultural na medida em que essa atividade o colocava em destaque, fazendo de si uma figura conhecida e requisitada pela sociedade. Convidado obrigatório de qualquer boa festa ou sarau, tertúlias, círculos de discussão cultural e solenidades oficiais; era, do mesmo modo, *habitué* das coxias de teatro, camarins de artistas e bacanais realizados em chácaras afastadas. Um *bon vivant*, certamente. Intelectual... jamais.

Quando ia ao *Engenho do Meio*, no Recôncavo, socorrer-se na bolsa do pai, instaurava verdadeira anarquia na senzala.

Perseguia as mucamas dentro de casas, as negrinhas no canavial, beliscava-lhes o traseiro, dizia-lhes obscenidades, só descansando quando conseguia conquistar mais algum troféu para a sua coleção de cabaços. Vasta coleção, diga-se de passagem, visto que, desde rapazote, era considerado uma espécie de desvirginador oficial da senzala. Não um estuprador, todavia, nem um deflorador imposto ou brutal. Fazendo-lhe justiça, que se saiba, Deocleciano nunca forçou qualquer mulher. Conquistava-as.

– Um pândego – dizia dele a mãe, orgulhosa do filho raparigueiro. – Puxou ao pai, o pelintra. Não pode ver um rabo de saia!

E não se pode negar: Deocleciano cultivava genuíno interesse pelos segredos que as mulheres ocultam por sob as saias. Fazer-se amar e seduzir era o seu *hobby* preferido, dedicando-se a ele em tempo quase integral. Considerava o jogo da sedução uma espécie de guerra, em que não poupava nenhuma espécie de ardil que o conduzisse à vitória. Aí então, finalizado o assalto, colhido o butim, com a competidora vencida e saciada a seus pés, desinteressava-se e partia para outras guerras, deixando atrás de si um rastro de lágrimas de mulheres *bem-comidas* e apaixonadas. Com a reputação de ser bom de cama, granjeara notoriedade, tornando-se amante de entediadas senhoras casadas, pretensas poetisas, coristas de teatro e até de uma certa Sórór-não-sei-das-quantas, uma francesinha depravada, deportada pela família para o Brasil para purgar seus pecados no Convento da Lapa.

Camisa de onze varas

Pena que a vida nunca é uma sucessão permanente só de coisas agradáveis. O pior dos contratempos Deocleciano conheceu na quaresma de 1843, aos quarenta e dois anos de idade. Mandaram-lhe chamar às pressas na Cidade da Bahia. No Engenho, o estado de saúde do pai se agravava.

– Tua benção, senhor meu pai.

Entrado nos oitenta anos, Gonçalo Ribeiro – Ioiô Gonçalo, por alcunha dos escravos – jazia esquelético na rede armada num canto do quarto. A mesma rede encardida na qual passara a maior parte dos últimos tempos e da qual, tomando fresca no alpendre, gritava com um ou com outro, xingava o feitor e fazia o Engenho funcionar. Engenho dos grandes, com trinta e tantas juntas de bois, três mil arrobas de açúcar por ano e quase duzentos escravos.

– Que Jesus Cristo te abençoe, filho – e esboçando um sorriso chocho na boca desdentada: – *Oxente!* Que foi assim? Está caçando dinheiro ou foi o fedor da minha carniça que já chegou na capital?

– Ó, pai! Que besteirada...

– Hum... eu é que sei! Mas foi bom *cê* ter vindo, filho. Carecia mesmo de lhe falar.

Deocleciano tirou o chapéu de palhinha de copa alta, puxou um tamborete e sentou-se ao lado, incomodado com o cheiro de falta de banho e de urina entranhada que

exalava do pai. O velho, algo meditativo, parecia buscar inspiração na contemplação dos fachos de luz, carregados de partículas de poeira, que o sol projetava pelas frestas das telhas-vãs do telhado. Somente após dois ou três pigarros do filho, finalmente falou:

– Acabou-se o que era doce, *dotô* Déo.

– Que besteirada, senhor meu pai. Acabou-se o quê!... Com essa conversa de cerca-lourenço, o senhor ainda vai ver muita gente ir pra baixo dos sete palmos.

O velho Ioiô sorriu sem graça.

– Hum... antes *sesse*, mas não *esse!* – e assumindo tom de voz mais pausado que o habitual: – *Tô* pra morrer, Déo. Dessa eu não escapo.

– Bobagem, pai...

– Não, filho, deixa eu *falá*. A gente sabe quando chega ao fim da estrada. E eu *tô* chegando. Já sonhei até com o teu avô e a tua avó vindo me buscar...

– Mas, pai...

– Ó, rapaz! Deixa eu falar. Que mania essa, *sô!*

Deocleciano cuidou de ajeitar-se melhor no banco, de cabeça baixa e correndo os dedos pelas bordas do chapéu. Era sempre assim. O pai não admitia interrupções. ‘*Quando um burro fala, o outro abaixa as orelhas*’ – justificava-se.

– Estou pra morrer, Déo – insistiu. – Dessa eu cá não escapo. E *vancê*, como filho *home*, precisa tomar meu lugar.

– Pode ficar sossegado.

– Posso não, filho. *Cê* não tem um pingo de juízo. *Tai* com mais de quarenta anos e só quer saber dessa burragem de ser artista – debochou, para logo enfatizar: – *Vancê* carece de tomar juízo, Déo. *Tomá* juízo e casar.

– Isso é fácil, senhor meu pai – sorriu vaidoso. – Nada mais fácil!

– Eu cá bem imagino – o velho apoiou ambas as mãos nas bordas da rede, levantou um pouco o tronco e encarou o filho. – Pra *vancê*, casar... deve ser como cagar. Vai lá e pum! Mas pode ir tirando o cavalinho da chuva. Não quero que *cê* case com uma daquelas sirigaitas da Bahia, não. Gostava é que *cê* casasse com a Da Graça.

– Da Graça?...

– Da Graça, a menina da Nazinha.

– Nazinha?... Nazinha do *Sítio Novo*?

– Essa mesma.

– Ô, pai!...

Deocleciano franziu a testa. Mudou de ares. O velho estava querendo metê-lo em uma camisa de onze varas. Uma encrenca dos diabos. Que doidice! Desfiou um rosário de objeções, defendendo sua posição contrária a tal casamento. O pai rebatia a todas, ora com argumentos convincentes, ora com os mais desbaratados. Invocava o Velho Testamento, os tempos heroicos da colonização, exemplos da sua própria família... recorria até ao casamento das famílias reais. Para cada argumento floreado de Deocleciano, descarregava uma torrente de contra-argumentos rudes e carregados de chantagem.

– É nisso que dá a gente se sacrificar pelos filhos! E eu que sempre fiz tudo por *vancê*. Te botei entre as coxas da tua primeira *mulé*. Uma moleca novinha!... Dei a xoxotinha dela *pr'ocê*, quando *cê* fez quinze anos. Não te alembra?

Deocleciano se lembrava. Como esquecer?

– Eu, que quase não tive estudo, te mandei estudar foi na capital. Te fiz *dotô*! Sustentei *vancê* no bem-bom a vida inteira. Paguei tudo. Tudinho. Até a degradingolada daquela burragem

de teatro que *ocê* queria, porque queria, inventar. Tu não te alembras?

Verdade. *Escola de Mulheres*, de Molière. Lembrava-se até das falas do início da peça:

CRISALDO: Você me diz que vem para se casar com ela?

ARNOLFO: Exato. E até amanhã pretendo ter tudo resolvido.

Como esquecer? Vinte e dois pagantes na estreia. Um genuíno caso de insucesso. Insucesso de público e de crítica velada. Financeiramente, um desastre.

– E o que é que eu ganho com isso? – prosseguiu o pai, com os olhos embaciados bem fixos nos dele. – Na hora de morrer lhe faço um pedido, e *vancê* ainda me fica aí com essa conversa fiada...

Deocleciano sentia-se mais e mais encurralado.

– Eu só não entendo uma coisa: se o senhor, meu pai, quer que a menina fique bem-amparada, por que não deixa dinheiro para ela? Um trato de terra... ou uma casa? Sei lá...

– Pra quê? *Pr'ela* entregar *pr'um* caça-dotes qualquer? Não, Déo. Não é isso o que eu quero. Não trabalhei a vida inteira pra ver o que é meu nas mãos de um ladravaz. E nem é isso o que está combinado. Eu prometi pra Nazinha que ia dar o meu nome pra menina. Tenho que dar.



Algumas noites depois, com muito choro e reza em latim, Ioiô Gonçalo foi sepultado. Funeral à grande, com a presença do vigário-geral, do corregedor e do presidente do Concelho Municipal, como convinha a um senhor de engenho do seu

porte, com o seu passado e influência política na região. Enterro com campa cavada no piso da capela do Engenho, para Ioiô ficar perto da casa-grande, de Jesus, José, Maria Santíssima e dos seus ancestrais.

Seguiram-se dias de luto fechado, de janelas cerradas, espelhos cobertos, silêncio de cemitério. Dias sorumbáticos, com muitas visitas de pêsames, exaltações ao morto, salve-rainhas e creio-em-deus-pais. Somente depois da missa de réquiem, no trigésimo dia, Deocleciano comunicou à família que decidira, e com quem decidira, se casar.

Dezoito anos depois

Doutor Deocleciano piscou os olhos repetidas vezes. A luminosidade difusa e azulada, algo semelhante à do luar, transmitia uma sensação tranquilizante. Levantou um pouco a cabeça e olhou em volta, buscando se situar. Eram dezenas de camas alvas, enfileiradas num grande salão totalmente branco. Salão relativamente estreito e muito comprido. Tão comprido que quase não se conseguia divisar onde acabava. Deu uma olhadela de esguelha nos vizinhos. À direita, um menino, de talvez uns dez anos, parecia dormir um sono sereno e profundo. Do outro lado, um idoso de boca murcha e barba por fazer debatia-se em agitadas convulsões. Logo uma enfermeira surgiu e colocou uma das mãos sobre a testa do aflito. Aos poucos, o ritmo das convulsões foi diminuindo, diminuindo, até cessar.

– Psiu! Por favor, ó moça – chamou Deocleciano, levantando o dedo.

A enfermeira esboçou um sorriso e foi até ele. Só quando estava bem próxima é que descobriu tratar-se de uma negra. Uma negra de pele aveludada, traços finos, cabelos lisos... tão vistosa quanto ele jamais conseguira imaginar.

– Bonita, você – comentou em tom de galanteio.

A enfermeira sorriu.

– Me conta uma coisa, minha princesa, que tipo de lugar é este? A Santa Casa de Misericórdia? Um hospital?

A jovem confirmou com um gesto de cabeça.

– E desde quando eu estou aqui?

– Faz algum tempo.

– Que coisa engraçada... Eu não me lembro de nada. O que estou fazendo aqui?

– Trouxeram o senhor para se recuperar.

– Recuperar-me de quê? Eu me sinto perfeitamente bem. Só me incomodam umas... pontadinhas aqui ó, no pescoço.

– A lesão foi aguda. Mais tarde o incômodo passa.

– Lesão?

– Melhor descansar – e colocou uma das mãos sobre a testa dele. – Deixemos para falar quando o senhor estiver mais reabilitado.

Como entorpecido, Deocleciano entrou outra vez em sono profundo, sem sonhos ou qualquer incômodo. Quando abriu os olhos novamente, a enfermeira e mais um homem de bata branca estavam ao seu lado.

– Ó, princesa, que bom que você ainda está aí! Acho que dei um cochilo, não foi?

– Sente-se bem? – interrompeu o homem de branco.

– Perfeitamente, doutor. Estou até com um pouco de fome. Um bom conhaque, se não for dar muito trabalho, seria um aperitivo que viria bem a calhar.

– Conhaque não temos. Mas a irmã Gertrudes trouxe isso aqui para o amigo – e ofereceu-lhe uma caneca. – Beba. Vai lhe fazer bem.

O sabor era indefinido, conquanto agradável.

– Bom. Muito bom. O que é isso? Tem mais?

– Por ora é o suficiente – com um sorriso simpático, o médico ignorou a primeira pergunta. – E então... O senhor acha

que já teria condições de se levantar? Trouxe-lhe um roupão e chinelas. Não gostaria de dar um passeio comigo?

– Para dizer a verdade, se for para dar um passeio, eu preferia com a princesa aqui, ó – gracejou Deocleciano, piscando um olho para a enfermeira. – Agora, se o senhor doutor insiste...

Saíram. Lá fora a luz mostrava-se também difusa e azulada, embora bem mais intensa que a do interior. Era uma espécie de parque, acarpetado com relva verde e macia, salpicado de árvores e canteiros de flores aqui e acolá. Uma paisagem harmoniosa, repousante e agradável.

– Bonito, isso – comentou Deocleciano com genuína admiração. – Não sabia que tínhamos coisas assim na Bahia. Parece até o *Bois de Boulogne*, em Paris!

O médico sorriu divertido e colocou-lhe uma das mãos ao ombro, num abraço frouxo e fraternal.

– Não, meu amigo, nós não estamos na Bahia. Muito menos no *Bois de Boulogne*.

– Não?!

– Não. Mas venha. Vamos nos pôr mais confortáveis.

Sentaram-se numa espécie de banco natural, formado pelas raízes salientes e musgosas de uma frondosa árvore.

– Se não estamos na Bahia, nem em Paris, onde estamos, doutor? O senhor é o médico-chefe aqui, pois não? Somos colegas. Verdade. Eu também estudei Medicina. Se bem que nunca exerci. Só que a minha cabeça... agora... Não sei se foi a beberagem que me deram... Acho que estou um pouquinho zonzinho. Não consigo concatenar as ideias direito.

– É natural. Faça um pequeno esforço de memória. O amigo não se lembra de nada?

– Lembrar, lembrar? Deixa-me ver. A última coisa de

que me lembro... É isso. Eu estava com um amigo estrangeiro... um poeta escandinavo... uma briga de bar...

– Pois é. Foi aí que tudo começou. O senhor sofreu lesões no pescoço... à altura da carótida.

– Pode ser. É verdade. Isso mesmo. Agora me lembro. Uma garrafada. Depois eu até corri atrás do inglês, só que já não consegui pegar o filho da puta. Ele desceu ladeira abaixo, na maior correria. Um frouxo, aquele gringo!

– E depois?

– Depois? Deixa-me ver... Isso! Eu voltei para o bar. Havia uma rodinha de pessoas. A Rosário chorando... é uma negrinha, minha chegada. A pobrezinha estava chorando, debruçada em cima de um homem estendido no chão. Isso mesmo. Tentei consolá-la, mas vi o rosto do sujeito. Olhei na cara dele e tomei um bruto susto. Parecia eu!... Aí, acho que desmaiei. E acordei aqui. É só o que eu me lembro.

– Pois é, amigo. Foi assim mesmo. Só que, quando correu atrás do inglês, o senhor já havia mudado de plano.

– Plano! Que plano?

– Já havia... desencarnado.

– Espere aí! Que história é essa de desencarnado? Eu já ouvi a expressão *désincarné* em Paris. Isso não quer dizer que eu morri, não é mesmo?

– Lá, costuma-se falar assim.

– Que é que há! Como eu posso ter morrido, se estou aqui, vivinho da silva? Aqui é o céu, ou algo do gênero?

– Não, não. Nada disso. É apenas um... uma espécie de posto avançado de socorro. Um local de recuperação, para onde trazem as pessoas, de modo a serem curadas.

– Espera aí, meu amigo. Devagar com o andor que o santo é de barro! Eu estou confuso. Não estou entendendo mais nada. Quem é o senhor, afinal de contas?

– Eu? Ninguém em especial. Um sujeito igual a você e a

milhões de outros. Só que, como queria ser médico, aqui resolvi fazer esse tipo de trabalho.

– Continuo confuso.

– É natural.

– Natural coisa nenhuma! Não arrelia comigo. Quer dizer então que eu morri, é? Que bati as botas. Estiquei as canelas. Quer dizer que a morte... morrer é isso?... Raios! E cadê São Pedro, Nossa Senhora, os anjos tocando lira?

– O senhor é mesmo engraçado – sorriu o outro. – A morte, aquela coisa tenebrosa da qual nos falam, não existe, meu amigo. A gente apenas deixa o corpo e muda de plano.

– Plano, plano. Lá vem o senhor de novo! Que história é essa de plano? E como é que deixei o corpo, se continuo com o meu? Aqui ó! – pegou no pulso e apertou. – Continuo igualzinho.

– Pois é. Claro que continua igualzinho. Só que este não é exatamente – e enfatizou o ‘exatamente’ – aquele teu corpo. Isso que está vendo em si, em mim, e em tudo em volta, também é uma forma de matéria, só que muito mais... delicada. Mais tênue, digamos assim. Mal comparando, seria como o ar. Toda a gente sabe que o ar existe. Afinal, não se vive sem ele. Só que ninguém vê o ar. Não é assim?

– Eu, hem! Quer dizer que eu virei ar? Virei vento? Acho que o senhor está a pilheriar comigo.

– Eu não disse que o senhor virou ar. Muito menos vento. Nem estou a pilheriar consigo. Tentei apenas fazer uma... analogia. Pouco feliz, pelo visto.

– Sei. Digamos então que eu morri e vim para o céu. Já que é assim, cadê os anjos, os santos?...

– Eu também nunca disse que aqui é o céu. Agora, quanto aos santos e anjos, pode ser que existam. Num outro plano, talvez. Eu, mesmo, ainda não vi nenhum.

– Hum! E essa história de plano. Como é que é isso?

– Para dizer a verdade, eu não sei muito mais do que o amigo. De todo modo, consta que existe uma porção de planos, além do chamado plano físico, aquele lá da Terra. Este aqui, no qual estamos, me parece ser o segundo. Ou, talvez, um plano intermediário entre o segundo e o terceiro. Não tenho certeza. Na verdade, não sei. Essa coisa toda é muito complexa e eu ainda não tive tempo ou, vai ver, apenas não quis me aprofundar.

– Que coisa! É bem difícil acreditar. Acho que aquela beberagem... Estou é sonhando acordado!

– Posso lhe assegurar que não.

Deocleciano ficou pensativo. Apalpou o corpo, tateou as raízes onde estavam sentados, procurou sentir firmeza no chão. Com exceção da luz azulada, tudo parecia igual.

– Não é possível. Não dá para acreditar – pontificou.

O médico deu-lhe dois tapinhas camaradas no ombro.

– Acostuma-se, meu amigo. Pelo que eu sei, você, eu e todo mundo já passou por isso uma porção de vezes. Só que assim, de início, nunca se lembra das experiências anteriores. Mas acaba se acostumando. Logo, logo. Você vai ver.

– Quer dizer, então, que eu... que eu morri mesmo, é?

O doutor fez um gesto afirmativo com a cabeça e perguntou meio sorrindo:

– E, por acaso, é tão ruim assim?

– É estranho. Mas ruim, até que não é, não.

– Viu só? Acostuma-se.

– Negativo. Eu não me acostumei, não. Agora me diga: e a enfermeira? Ela também já morreu? É uma... uma alma?

– Se o senhor se considera uma alma, então, a irmã Gertrudes também é.

- Olha... eu ainda não consigo acreditar nessa história.
- É natural. Com o tempo, vai se acostumar.
- Duvido. Mas me conta: por que o senhor chama a enfermeira de irmã? Ela é freira?
- Que eu saiba, não. É apenas uma forma afetuosa de tratamento.
- Ainda bem. Porque ela é um belo de um pitéu! E freira, não sei se o amigo sabe, dá uma trabalhadeira... uma encrenca daquelas! Eu tive *affaire* com uma, e olha...
- Você não toma jeito mesmo, não é, Déo?
- Déo! Espera aí. Como é que você sabe meu apelido?
- E eu não te conheço? Fui colega teu na *Academia Médico-Cirúrgica*. Laudelino. Lazinho. Você não se lembra?
- Laudelino... Lazinho... Ah!... O *quatro-olho-cu-de-ferro*? Aquele que vivia grudado nos livros?... Você *tá* de pilhéria comigo.
- Que nada, rapaz. Você não lembra que eu morri do coração pouco antes da colação de grau?
- Raios, é mesmo! Claro, claro. Se eu não me engano, você ia ser o orador da turma, não era isso?
- Exatamente.
- Lazinho... Eu, hem, quem diria! Mas... e cadê os óculos? Você usava uns que pareciam fundos de garrafa...
- Uma das vantagens daqui é essa. A gente fica do jeito que era ou que gostaria de ser. Como aqueles óculos faziam eu me sentir assim... meio... *cu-de-ferro*, como você diz, aqui eu abri mão deles. Lembra que eu tinha um nariz pequeno demais para a minha cara e os óculos, às vezes, escorregavam e caíam?
- Claro! O pessoal até te chamava também de... como era mesmo? Lazinho Pintinho. Isso: Pintinho!
- Exato. Pintinho – sorriu. – Pois é. Como aquele nariz também me incomodava, aqui eu resolvi assumir outro. Um nariz mais... em conformidade comigo, digamos assim. Enfim, mudei um pouco. Para melhor, penso eu.

– Que coisa estranha! E eu também posso? Posso tirar estas bolsas aqui, ó? – colocou o dedo indicador debaixo de um dos olhos. – Estas rugas e papadas também?

– Claro. Aqui você assume a aparência que quiser.

– Estou começando a gostar, meu amigo. Opa, estou começando a gostar! Mas me conta, Lazinho: e quanto às mulheres? Dá pra...

– É tudo igual. O fato de mudar de plano não faz ninguém ficar melhor nem pior do que era. Na aparência, tudo bem. Mas, no fundo, o teu Eu continua igualzinho.

– Você está brincando...

– Estou não. É sério.

– Quer dizer que eu posso fazer o que quiser?

– Também não é assim. Existem certas... regras de conduta. Como em toda parte – fez uma pausa. – Veja: você ainda irá ficar uns dias no ambulatório. Depois que receber alta, será transferido para uma espécie de casa de repouso, na qual irá aprender como as coisas funcionam neste plano.

– Lá vem você de novo com essa história de plano.

– O que é que eu posso fazer? Não fui eu que inventei. Escolha outro nome, se lhe apraz.

– Vou pensar em algo. Essa história de plano... Não gosto nem um pouco disso.

– Como pode ver, você não está melhor nem pior. Continua o mesmo. E sempre querendo inventar novidades.

Incesto sob encomenda

Os cunhados não acreditaram. ‘*Deve ser mais uma das caçadas do Déo*’. Chocadas, as irmãs fecharam a cara. A mãe ameaçou morrer de desgosto; amaldiçoou o próprio ventre que o gerara. Convocado pela família, o vigário o intimidou com o fogo eterno dos infernos, quem sabe a excomunhão e uma descendência degenerada. Tempo perdido. Dois meses e pouco depois do funeral do pai, numa discreta cerimônia na casa da noiva, sob as bênçãos de um padrego da capital regamente pago, Deocleciano cumpria a promessa feita a Ioiô Gonçalo. Casava-se com a filha de Nazinha: Maria da Graça Simões, sua irmã por parte de pai.

Naquela noite, desceu da charrete meio bêbado, com a mulher nos braços. Não se percebia vivalma na casa-grande. Todos dormiam ou fingiam dormir. Trancou-se no quarto. Ao tirar a roupa, tocou novamente no papel que encontrara no bolso à hora de se trocar. As palavras ali escritas vieram-lhe à mente.

*Javé falou a Moisés, dizendo:
Não descobrirás a nudez da tua irmã,
filha do teu pai ou filha da tua mãe,
nascida em casa ou nascida fora de casa;
não descobrirás sua nudez.*

(Levítico 18:18)

Decerto, uma última tentativa das irmãs, com vistas a que desistisse de se casar com Da Graça. Tentativa que, como as demais, resultara em nada. Uma vez decidido a atender ao pedido do pai – que promessa a defunto não é coisa que se deva negligenciar –, tapara os ouvidos a qualquer ameaça. Mas agora, ali no seu quarto, nu, na iminência de consumir o matrimônio, aquelas palavras lhe martelavam a cabeça como um clamor do Juízo Final:

Não descobrirás a nudez da tua irmã...

Procurou afastar Deus da lembrança e olhou para a mulher com quem havia se casado. Uma quase criança, de treze para catorze anos, retesada na cama, braços esticados ao longo do corpo, olhos fechados e o coração batendo tão forte no peito que quase dava para escutar. Uma vestal posta no altar dos sacrifícios. Um anjinho moreno, de cabelos cacheados e camisola alva. Uma menina graciosa e indefesa, a quem a mãe, muito provavelmente, ensinara os deveres de mulher casada.

– Aos seiscentos mil diabos Javé e seus pecados. O que está feito, está feito. Já era! – decretou de si para si o recém-casado. – Se é pecado adentrar no jardim das delícias para colher este botão... bendito seja o pecado!



O filho veio à luz no ano seguinte, num chuvoso domingo de Páscoa. Um bebê franzino e chorão, a quem Déo mandou batizar de Irineu, em homenagem ao pai de Ioiô, mas que a mãe receava não viesse a vingar.

– Carece de se apoquentar não, Sinhá – tranquilizou a negra Joana, ama de leite designada. – Já inté provei o cocô dele. Num tá amargo não. O muleque não tem nada. – E andando de um lado para o outro embalando a criança nos braços: – Esse

calundu todo... Hum!... É dengo puro. Isso vai ser um *cabra* manhoso...

– *Vancê* acha mesmo? – questionava a aflita jovem mãe, arrancada às pressas do mundo das bonecas para o dos bebês de verdade. – Será que não *tá* com o tal mal-dos-sete-dias?...

– *Quá!*... Que mal-dos-sete-dias o quê, *Sinhá*? Vira essa boca pra lá, *mulé!* – acariciava o corpinho da criança com o dedo. – Mal-de-sete-dias eu conheço. Já vi muito *muleque* morrer disso lá na *rua*¹. É um coisa ruim que dá aqui ó, no umbigo.

Ato contínuo, tratou de mudar logo de assunto, para distrair a mãe aflita.

– Mas... conta pra *nega*. E o *sinhô dotô*, hem *Sinhá*? *Benzadeus!*... O *home tá* mais feliz do que pinto no lixo!

Deocleciano efetivamente estava. Não propriamente pelo nascimento do filho. Até gostava de crianças, mas filhos tinha outros, espalhados pelas pontas de rua de Cachoeira, São Félix e da capital. O que o deixara feliz era constatar que nenhuma das pragas rogadas pela mãe se concretizara. O '*filho do pecado*' – conforme ela o chamava – não nascera com pés e rabo de porco, chifres de bode, nem muito menos com as orelhas pontudas de fauno, como haviam vaticinado. Não que ele acreditasse seriamente naquelas bobagens. Havia recorrido aos antigos livros de Medicina e constatado que, do ponto de vista estritamente biológico, o chamado incesto não costumava acarretar nenhuma deformidade. Mas sabe como é: quando a Bíblia proíbe e a mãe esconjura... É certo que o garoto não era exatamente um bebê bonito e, ainda por cima, chorava feito um condenado diante do carrasco. De todo modo, levando-se em conta a maneira como se desenrolara a gravidez e o parto, o simples fato de estar vivo já parecia uma espécie de milagre.

1. Designação usualmente dada pelos escravos à área da senzala.

Agora, era só dar tempo ao tempo. Aguardar que a família encarasse seu casamento como fato consumado e parasse com aquela tolice de hostilizar a pobre Da Graça. De sua parte, dera o melhor de si. Instruíra sua mulher-menina a andar o mínimo possível pela casa; à negra Joana a manter a criança fora da vista dos parentes; e até conseguira que a sogra Nazinha mudasse para lugar ignorado, jurando por Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo nunca mais voltar. Sentia-se desobrigado. Podia voltar à sua vida normal.

Mera figuração

Na Cidade da Bahia só colheu decepções. Durante o ano e pouco que passara fora, outros haviam tomado o seu lugar. Não que as pessoas da sociedade fizessem de conta que não o conheciam ou deixassem de convidá-lo para as festas e saraus. Não que as coristas de teatro não mais o beijassem e as mulheres com as quais havia dormido o ignorassem. Nada disso. Quase todos ainda o tratavam com estudada cortesia. O problema era que sem deferência especial. Em suma, Doutor Deocleciano perdera o lugar de protagonista. Pouco depois, não se sentia mais nem mesmo coadjuvante. Seu papel atual era de mera figuração. Figuração triste e apagada, dessas de fundo de palco. Afinal de contas, que coisas interessantes teria para contar quem, como ele, passara mais de um ano metido num engenho de açúcar, numa vidinha medíocre de convivência com a família e os escravos?

Decidido a reconquistar seu papel, embarcou para a Corte, o Rio de Janeiro, e de lá voltou, três meses depois, cheio de novidades. Com guarda-roupa da última moda, mais um estoque renovado de anedotas picantes e mexericos de primeira mão, marcou alguns pontos entre os conhecidos. Porém, nada de excepcional. As atenções agora estavam voltadas para quem estivera em Pernambuco, onde o capitão Pedro Ivo, à frente de um pequeno exército de dois mil homens, divulgara o que chamava *'Manifesto ao Mundo'*. Pregava a desobediência civil, descia o malho no governo imperial e autoproclamava a

independência de Pernambuco como república. Uma autêntica rebelião. *Rebelião Praieira*, como viria a ser chamada.

Anedotas e mexericos envelheceram rapidamente, e Deocleciano viu-se obrigado a voltar para o fundo do palco. Numa tentativa de retornar aos bons tempos, publicou um livro de poemas. As pessoas não leram, e não gostaram. Organizou uma festa para inaugurar a casa nova que alugara no Pelourinho. Sua proeminência durou pouco mais que a boca-livre. Tentou reunir uma trupe para encenar uma peça de teatro. Atrizes, atores e músicos se assanharam. Já o dono do teatro... Não, não queria nem ouvir falar de participação na bilheteria. Só cederia o espaço se recebesse três meses de aluguel... adiantados. Déo passou a se sentir supérfluo nos lugares que frequentava. Acalentava a sensação de ter caído literalmente em desgraça. Depois de muito pensar, decidiu-se mandar a Cidade da Bahia para os diabos e retornar ao Engenho, à família, ao lar.

Ah, a família!

No Engenho, por algum tempo, voltou a se sentir dando as cartas. Na sua ausência, os ânimos pareciam ter serenado. Por um acordo tácito, ninguém mencionava sua mulher e seu filho, os quais, em contrapartida, evitavam dar as caras. Os mexericos da Corte faziam sucesso e as anedotas picantes arrancavam boas risadas dos cunhados e escravos. Seu retorno era saudado com entusiasmo, e isso o fazia se sentir como nos bons tempos na capital. Tudo corria tão bem que se dedicara, inclusive, a fazer sua mulher-menina sentir prazer no ato de amar. Uma velha pendência que tinha consigo, diante das circunstâncias em que haviam se casado.

O princípio foi estimulante. Perdia horas, só para conseguir que ela relaxasse. Entretanto, acabou atingindo o objetivo mais cedo do que imaginava. Seja por não ter qualquer outra atividade – e se ver obrigada a permanecer trancada a maior parte do tempo no quarto – ou por pressentir que o marido era a sua tábua de salvação e desejar agradá-lo, a garota acabou por se apegar ao sexo com um entusiasmo que, a médio prazo, começou a incomodá-lo. Afinal de contas, cogitava ele, uma coisa é provocar desejo em alguém, outra é ser provocado. Afora que, por mais que se goste de lagosta, comer lagosta a toda hora... e apenas lagosta, enjoa.

Finda a lua de mel do regresso, Deocleciano sentiu-se traído. Justificando a demora por ter ido visitar um irmão

enfermo que vivia nas Minas Gerais, o velho notário de Cachoeira apareceu no Engenho. Trazia um desconhecido testamento do falecido Ioiô, no qual o pai contemplava seu primogênito com apenas um terço da herança. Às irmãs dele caberiam os outros dois terços e à viúva o usufruto de tudo. Aquela era uma disposição de última vontade totalmente invulgar. Por tradição, o filho homem era sempre o herdeiro universal. Verdade que o legatário traído bem poderia ser considerado um poço de idiossincrasias, mas a mesquinhez não era, nem de longe, um dos traços do seu caráter. Preferiu não polemizar. Ainda assim, começou a desentender-se com a mãe, as irmãs e os cunhados.

Deocleciano queria fazer do *Engenho do Meio* uma fazenda moderna e agradável, na qual os negros andassem de roupa nova e bem arrumados, como vira numa propriedade perto do Rio de Janeiro. A família não concordou. Propôs reformar a casa-grande, incluindo um quartinho sanitário, instalar um sistema de iluminação a carbureto e dar uma festa para a reinauguração. A mãe foi peremptória:

– Enquanto existir penico e candeeiro, eu não careço dessas novidades. Nem quero saber de festa. Sou viúva, tu te alembra? E não adianta insistir. Durante o tempo que eu viver, não deixo ninguém mexer nem numa telha desta casa!

Propôs aos cunhados comprar mais juntas de bois, para dobrar a extensão do canavial e a produção de açúcar. Taxaram-no de imprudente, mas acabaram por concordar. Desde que começasse por dobrar o tamanho do canavial. E lá se foi ele, todo lorde, montado num belo cavalo, comandar a derrubada da mata. Senhor de engenho bonachão, cheio de bom humor e tagarelices, desistiu em menos de um mês. Não aguentava mais a inoperância do feitor e a manemolência dos escravos.

Não demorou muito e começou a achar que a mulher era

libidinosa demais. Afinal, por desejável que fosse, não era uma zinha qualquer, muito menos uma amante eventual. Mais que mãe do seu filho, era sua esposa. Não era direito continuar a fazer com ela o que fazia com as outras. Julgou por bem começar a evitá-la.

Um dia, ao aparar a barba, olhou-se mais atentamente ao espelho e se deu conta de que o tempo não havia ficado parado. Bolsas de gordura ganhavam corpo sob os olhos, um princípio de calvície insinuava-se nas laterais da cabeça e as rugas de expressão se acentuavam no rosto de maneira quase dramática.

– *Que é que está havendo, Doutor Déo? Tá ficando besta ou o quê?* – questionou-se. – *Nem de xoxota tu pareces gostar mais! Da xoxota da tua mulher, vá lá... Mas, e as outras? A vida tá passando, dotô Déo. Tu estás ficando velho. De repente morres... babau! Pensa em ti. Deixa dessa bobagem de se preocupar com os outros. Tua mulher, filho, mãe... essa gente toda... são todos farinha do mesmo saco. Nasceram e se criaram aqui, não sabem o que é a vida lá fora. Tu não! Tu és um homem culto e inteligente. Um poeta! Isso aqui não é lugar para alguém como tu. Vai-te embora enquanto é tempo. Dá a volta por cima. Mostra pro povo da Bahia do que és capaz. Tu já provaste ser dos bons!... Esquece essa coisa de que não és mais o mesmo! Quem foi rei sempre será majestade.*

Dias depois, ajustou com os cunhados receber uma nota promissória, por conta da sua parte na safra de açúcar daquele ano, e embarcou para Salvador. Lá, descontou a letra com um agiota seu conhecido, converteu tudo em libras esterlinas e pegou um vapor da *Royal Mail* para a Europa. Lera, em *O Malvado*, de Gresset, que *‘só se vive em Paris; alhures, vegeta-se’*. Resolveu verificar *in loco* se era verdade.

Primeiros passos no além

Se aquilo era uma casa de repouso, Deocleciano bem preferia estar num hospício. Loucos deveriam ser bem mais divertidos. Para início de conversa, lá só havia homens. Moços, senhores de meia-idade, idosos... talvez uns quarenta, todos fechados em si mesmos, como ostras. Uma tantas vezes tentou puxar conversa com um e outro. Ou não o entendiam ou faziam de conta que não o entendiam. Na melhor das hipóteses, olhavam para ele com cara de paisagem. Mais comumente, simplesmente o ignoravam. Para não falar daquela luz azulada... Nunca se sabia se era dia ou noite, em que dia, mês ou ano se estava. A única referência eram as chamadas para as palestras. Palestras praticamente compulsórias.

Reuniam-se todos numa espécie de sala de aulas, e algum sujeito, com sorriso de falsa simpatia, discorria sobre assuntos que ninguém parecia entender. Déo era médico, mas nunca havia ouvido falar de elétrons, prótons, fótons, neutrinos, radiações eletromagnéticas e outros que tais. Se tivessem ensinado isso na Academia, decerto ele faltara às aulas – como de hábito. Em todo o caso, a se acreditar no que os palestrantes diziam, ele e aquele mundo azulado eram compostos dessas partículas e radiações. Todas muito abundantes no universo, embora invisíveis a olhos de humanos encarnados.

– Assim como os frutos têm sementes, que guardam no seu interior todas as instruções necessárias para, se bem cuidadas, virem a se transformar em árvores e assemelhados que darão origem a novos frutos, no ser humano isso acontece

quando... o espermatozoide masculino – o orador fez uma pausa com ares de encabulado. – Peço desculpas. Esqueçam. Esta é a minha primeira vez como instrutor. Não era isso o que eu queria dizer. Preciso falar é sobre o espírito.

Nova pausa. Coçou a cabeça. Expirou profundamente.

– Espírito. O que é o espírito? Espírito vem do latim, *spirito*, e significa ‘força vital’. Espíritos não são sólidos ou líquidos. Talvez sejam gasosos. Não sei. Uns dizem que o espírito fica alojado no cérebro, outros no coração ou mesmo no corpo inteiro. Ninguém sabe ao certo. Ainda assim, por ser depositário das nossas sensações e experiências, o espírito responde pelas nossas propensões, nosso grau de inteligência e o nosso livre-arbítrio. Consegui me fazer entender?

Como ninguém se manifestasse, continuou:

– Excelente. Voltemos ao princípio, quando falei das sementes de um fruto. Toda semente é envolvida por uma substância muito delicada chamada perisperma. Com o espírito também é assim. Enquanto encarnado, o espírito de cada um de nós é revestido por um invólucro, de matéria ainda mais delicada que a de um perisperma, que pode ser chamado de perispírito. Uma cópia fiel do nosso corpo de carne e osso, inclusive de uns tantos órgãos. Ocorre que, tal como o Universo, o espírito teve um princípio, mas nunca terá fim. Por conta disso, quando desencarnamos, o espírito e seu perispírito se libertam da matéria grosseira, pesada, e pode, se quiser, voitar pelo espaço. É o perispírito, portanto, que enxergamos aqui uns nos outros. Percebem?

Deocleciano não percebeu lá muito bem, mas reteve qualquer coisa. E, como ninguém questionasse, ele também não questionou. Preferiu dar azos às suas lembranças.

